

como elevação do PCR, dímeros D elevados e alterações tomográficas pulmonares

Palavras-chave: Covid-19 Pós Covid SARS-Cov2

<https://doi.org/10.1016/j.bjid.2023.102893>

AVALIAÇÃO DO IMPACTO DA COVID LONGA NA ATENÇÃO BÁSICA: A EXPERIÊNCIA PILOTO DE UMA UBS NO ESTADO DE SÃO PAULO

Guilherme Novelli de Paula Ferreira^{a,*},
Débora Cristina Bertussi^a,
Evaldo Stanislau Affonso de Araújo^b

^a Universidade São Judas Tadeu (USJT), São Paulo, SP, Brasil;

^b Inspirali, São Paulo, SP, Brasil

Introdução/Objetivo: Avaliar a incidência da COVID-19 e a prevalência de sintomas de COVID Longa em uma Unidade Básica de Saúde (UBS) foi nossa proposta para em primeiro lugar quantificar o impacto e, em segundo demonstrar a relevância potencial da Atenção Primária na condução clínica a longo prazo dessa condição que de acordo com a Literatura mostra-se significativa. As equipes de Atenção Básica e o Núcleo de Apoio à Saúde da Família podem auxiliar os pacientes que apresentem perda de funcionalidade por meio de intervenções integradas em um Plano Terapêutico Singular para um cuidado longitudinal e abrangente aos pacientes.

Métodos: Estudo transversal de prevalência, aplicando aos pacientes em seguimento na UBS com referência de infecção prévia pelo SARS-CoV-2 o questionário Post Covid-19 Functional Status. Os dados coletados foram analisados para gerar uma perspectiva epidemiológica e de gravidade dos casos.

Resultados: Entre 5000 pacientes cadastrados identificamos 100 com antecedente de infecção única ou múltipla pelo SARS-CoV-2 (incidência de 2%), diagnosticados pelo teste de antígeno por fluxo lateral positivo na unidade. Destes, 22 dispuseram-se a responder o questionário. A idade média foi de 43 (21-65 anos, mediana 38,6 anos) anos, 68% eram do gênero feminino e o tempo médio de persistência dos sintomas após a COVID foi superior a seis meses para 91% dos pacientes. Dispneia foi o sintoma mais comum referido por 59% dos pacientes, seguido tosse, cefaleia e insônia em 36% deles e 20% dos pacientes com prejuízo de evocação de memória de curto prazo. Por fim, 13% desenvolveram alguma forma de disautonomia, como hipertonia esfinteriana e sialorreia.

Conclusão: Percebe-se claramente o impacto da COVID-19 na população identificada. Trata-se de faixa economicamente ativa e para a qual além do sofrimento físico temos a potencial queda de produtividade. Os sintomas respiratórios dispneia e tosse foram os mais reportados, porém, o acometimento neurológico autonômico e cognitivo foi evidente. Observe-se que se atentos e organizados para a identificação sistemática dos sintomas de COVID Longa as equipes da Atenção Básica podem exercer um papel essencial na redução dos impactos clínicos e econômicos da COVID Longa, ressaltando que os mesmos apresentaram uma persistência notável de mais de seis meses para 91% dos pacientes.

Palavras-chave: Covid-19 Long-covid Health Centers Epidemiology Rehabilitation

<https://doi.org/10.1016/j.bjid.2023.102894>

AVALIAÇÃO DO USO DO ESCORE IMPROVE-DD NA ESTRATIFICAÇÃO DE RISCO DE TROMBOEMBOLISMO VENOSO (TEV) EM PACIENTES COM COVID-19 E COMO PREDITOR DE RISCO DE GRAVIDADE E ÓBITO

Ronney Argolo Ferreira^{a,*},
Lian Mascarenhas de Andrade Zanatta^a,
Juliane Bispo de Oliveira^a,
Janaina Ibele Carvalho Gomes^a, Luiz Ritt^b,
Ana Thereza Cavalcanti Rocha^a

^a Universidade Federal da Bahia (UFBA), Salvador, BA, Brasil;

^b Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública (EBMSP), Salvador, BA, Brasil

Introdução/Objetivos: Pacientes internados por COVID-19 podem apresentar, na evolução da doença, lesão endotelial, aumento da viscosidade do sangue e estase por redução de mobilidade. Entre eles, há maior incidência de tromboembolismo venoso (TEV) e é preciso selecionar quem pode se beneficiar da trombopprofilaxia estendida após a alta hospitalar. O escore IMPROVE-DD é útil nesta avaliação, mas foi principalmente estudado nos Estados Unidos. Assim, este estudo correlaciona a incidência de TEV intrahospitalar em pacientes com COVID-19 de um hospital brasileiro com o uso do escore IMPROVE-DD, e analisa o mesmo escore como preditor de risco de gravidade e óbito.

Métodos: estudo retrospectivo entre pacientes com COVID-19 e suspeita de TEV, internados entre março de 2020 e setembro de 2021 em hospital privado de Salvador e que realizaram ultrassonografia com doppler venoso dos membros inferiores ou superiores, ou angiotomografia de tórax. Foram utilizadas análises estatísticas descritivas e teste qui-quadrado para identificar fatores associados ao risco de TEV, gravidade e óbito.

Resultados: Foram incluídos 517 pacientes. A incidência de TEV intrahospitalar foi 18,6% (96 casos). As seguintes correlações foram encontradas em pacientes com TEV: 36,5% eram obesos, 76% estavam em Unidade de Terapia Intensiva, 45,9% em uso de cateter venoso central (CVC), 69,8% internados por mais de 7 dias, 43,8% possuíam alterações tomográficas extensas em pulmão, 46,9% fizeram uso de ventilação mecânica (VM), 94% tinham D-dímero \geq duas vezes o limite superior da normalidade e 75% apresentaram pontuação ≥ 4 no escore IMPROVE-DD (alto risco). À exceção de obesidade ($p=0,03$), todas as correlações citadas tiveram $p < 0,0001$. A taxa de mortalidade foi de 14,1%, maior entre pacientes com TEV (24%) que sem TEV (11,9%), $p=0,003$. Além do risco de TEV, o escore IMPROVE-DD ≥ 4 conseguiu identificar pacientes graves, com maior risco de envolvimento pulmonar extenso, de necessidade de CVC e de VM ($p < 0,0001$). Do total de 73 óbitos da amostra, 93% tiveram IMPROVE-DD ≥ 4 ($p < 0,0001$).

Conclusão: Pacientes com TEV morreram mais do que aqueles sem TEV. O escore IMPROVE-DD mostrou-se útil para

identificar quem poderia ser beneficiado com a tromboprofilaxia estendida. O mesmo escore também foi capaz de prever gravidade e óbito. Estratificar riscos e chances de mortalidade dos pacientes de COVID-19 é necessário para que os serviços de saúde montem suas estratégias terapêuticas e de atendimento.

Palavras-chave: COVID-19 Tromboembolismo venoso IMPROVE-DD

<https://doi.org/10.1016/j.bjid.2023.102895>

AVALIAÇÃO DO ÂNGULO DE FASE EM PACIENTES COM SÍNDROME PÓS-COVID-19 ATENDIDOS EM UM AMBULATÓRIO DE REFERÊNCIA EM BELÉM-PARÁ

Pedro Paulo Moares da Câmara*,
Luana Wanessa Cruz Almeida,
Pamela de Oliveira Batista, Evelen da Cruz Coelho,
Kárla Larissa Pereira de Oliveira,
Jairisson Augusto Santa Brígida Vasconcelos,
Luisa Carício Martins, Rosana Maria Feio Libonati

Universidade Federal do Pará (UFPA), Belém, PA, Brasil

Introdução/Objetivo: A Síndrome Pós-COVID-19 é definida como manifestações clínicas que surgem após a infecção inicial pelo vírus SARS-CoV-2. O ângulo de fase é considerado um biomarcador de saúde celular, indicador de estado de saúde, estado nutricional, mortalidade, entre outras funcionalidades. Quanto maior o ângulo de fase, mais saudáveis as células se apresentam, entretanto, hábitos de vida inadequados, estado inflamatório e doenças são alguns dos fatores que podem provocar disfunções nas membranas celulares. Logo, o objetivo desse estudo foi avaliar a aplicabilidade do ângulo de fase como um instrumento de avaliação do estado de saúde de pacientes com Síndrome Pós-COVID-19.

Métodos: Estudo transversal controlado, realizado com pacientes de ambos os sexos com Síndrome Pós-COVID-19, cadastrados e atendidos no Núcleo de Medicina Tropical, no período de agosto de 2022 a junho 2023. Os pacientes foram divididos em dois grupos: sujeitos com Síndrome Pós-COVID-19 e sujeitos sem a síndrome (grupo-controle). Foram incluídos os pacientes que apresentaram histórico positivo para COVID-19 e foram excluídos aqueles com impossibilidade de avaliação pela bioimpedância (portadores de marcapasso e próteses metálicas). Foram obtidos dados sociodemográficos (sexo e idade), antropométricos (altura e peso) e ângulo de fase pelo aparelho de BIODYNAMICS 450.

Resultados: Participaram do estudo 54 pacientes, sendo 27 sujeitos em cada grupo, pareados por sexo e idade. Das amostras, a média de idades foi de 51,7 anos para o grupo sintomático e 51,8 anos para o grupo-controle, sendo 70,3% da amostra pertencentes ao sexo feminino. Em relação à avaliação corporal, o grupo sintomático apresentou um ângulo de fase médio de $6,2^\circ \pm 0,5^\circ$ e o grupo-controle $6,7^\circ \pm 0,9^\circ$ ($p < 0,05$).

Conclusão: O presente estudo demonstra que pacientes com síndrome Pós-COVID-19 apresentam ângulo de fase significativamente menor que a população sem sequelas oriundas da COVID-19. Dessa forma, o ângulo de fase pode ser

utilizado como um parâmetro de avaliação do estado de saúde de pacientes com síndrome Pós-COVID-19.

Palavras-chave: Síndrome Pós-COVID-19 Ângulo de fase Avaliação corporal Estado de saúde Belém

<https://doi.org/10.1016/j.bjid.2023.102896>

CARACTERÍSTICAS CLÍNICAS DE PACIENTES COM COVID-19 E COM COINFEÇÃO COVID-19/INFLUENZA DE PACIENTES ATENDIDOS EM UM LABORATÓRIO PRIVADO DE FORTALEZA/CE ENTRE DEZEMBRO/21 A MARÇO/22

Karen Helen Rodrigues Carneiro^{a,*},
Luís Arthur Brasil Gadelha Farias^a,
Paulo Jonas Rabelo Nobre^a,
Fábio Rocha Fernandes Távora^b,
Juliana Cordeiro de Sousa^b,
Lisandra Serra Damasceno^a

^a Universidade Federal do Ceará (UFC), Fortaleza, CE, Brasil;

^b Laboratório Argos, Fortaleza, CE, Brasil

Introdução/Objetivo: Durante as fases mais críticas da pandemia de covid-19 houve uma diminuição dos casos de outras infecções respiratórias virais, principalmente devido à adoção das medidas de prevenção. Entretanto, os vírus causadores destas infecções não saíram de circulação. À medida que as ações de contenção da covid-19 abrandaram, outras infecções virais passaram a ser mais diagnosticadas, como a influenza (Flu), que ocasionou surtos no início de 2022 no Ceará. O objetivo deste trabalho foi descrever os aspectos clínicos mais frequentes entre os pacientes com monoinfecção por SAR-CoV 2 e coinfeção covid-19/Flu, de pacientes atendidos em um laboratório privado na cidade de Fortaleza-CE.

Métodos: Trata-se de um estudo transversal de pacientes com diagnóstico de covid-19 e covid-19/Flu detectados por teste molecular, no período de dezembro/21-março/2022, em um laboratório privado em Fortaleza. Os dados clínico-epidemiológicos foram coletados de acordo com o registro da ficha de notificação. Análise estatística foi realizada para comparação dos grupos, utilizando $p < 0,05$.

Resultados: No período do estudo foram incluídas 1966 amostras de swab naso/orofaringe que foram positivas para alguma infecção viral; 1564 (79,5%) foram positivas para SARS-CoV-2, e 26 positivas para a SARS-CoV-2/Influenza (1,3%). O sexo feminino foi o mais acometido nos dois grupos ($p = 0,694$). As faixas etárias mais frequentes foram 41 a 69 anos (29,7%), no grupo de moínfecção, e de 19 a 40 anos (50%) no de coinfeção ($p = 0,001$). Além disso, a maioria dos indivíduos apresentaram sintomas em ambos os grupos (92,5% vs. 100%; $p = 0,253$). Tanto no grupo covid-19 como covid-19/Flu, febre (27,5% vs. 26,9%; $p = 0,948$), tosse (26,8% vs. 34,2%; $p = 0,377$), cefaleia (13,7% vs. 11,5%; $p = 1,000$) e odinofagia (24,2% e 7,7%; $p = 0,061$) foram os sintomas mais frequentes. Sintomas como diarreia, adinamia e anosmia/ageusia foram observados somente nos indivíduos com infecção por SARS-CoV-2, com uma frequência $< 10\%$ dos casos. Cerca de 7,5% dos casos de covid-19 estavam assintomáticos.

Conclusão: A coinfeção covid-Flu apesar de não ter sido frequente nesta casuística, revelou manifestações clínicas